

HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO MARANHENSE: CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS IDENTIFICADAS NA OBRA LITERÁRIA CAZUZA, DE VIRIATO CORRÊA¹

Lennyse Teixeira Bandeira

Graduanda em História pela Universidade Estadual Do Maranhão

Universidade Estadual do Maranhão– Centro de Estudos Superiores de Imperatriz

Elizânia Sousa do Nascimento (Orientadora)

Mestra em Educação

Universidade Estadual do Maranhão – Centro de Estudos Superiores de Imperatriz, lennysebandeira@hotmail.com

Resumo

A presente comunicação tem por objetivo analisar os três tipos de escolas citadas por Viriato Corrêa em sua obra literária Cazuzza, produzida em 1938. Através das orientações historiográficas de Lopes (2012) e Lopes e Galvão (2010), compreendemos que a literatura pode ser utilizada como fonte, pois representa para a história acontecimentos sobre o cotidiano e estado da humanidade diante das transformações históricas. Peter Burke (1992), apresenta a reflexão sobre a possibilidade de novas fontes trazidas pela História Cultural a partir de 1970, devido à presença de representações sociais muitas vezes ignoradas pelos documentos oficiais. A partir desse contexto, compreendeu-se que a literatura pode ser utilizada como fonte alternativa nos estudos da História da Educação. Desta maneira, utilizaremos Cazuzza como obra literária que captura a memória de um passado escolar no Maranhão apresentando características das concepções pedagógicas, representadas nos modelos de escolas presentes na obra.

Palavras-Chave: História da Educação. Literatura. Concepções Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

O estudo analisa aspectos da história da educação no Brasil a partir do final do século XIX e início do século XX, cujo período é apresentado na obra literária Cazuzza, de Viriato Corrêa. A reflexão é construída a partir dos três tipos de escolas citados por Viriato Corrêa em sua obra literária Cazuzza, retratando a memória da educação do Maranhão no período proposto na narrativa do autor, a saber: a escola do povoado, apresentando traços das escolas isoladas, presentes no Brasil desde o Império, a escola do povoado, que apresenta características da Pedagogia Nova, e por fim, a escola da Capital, que retrata as ideias educacionais da Pedagogia Tradicional.

1 Do diálogo com a História Cultural

¹ Pesquisa realizada na disciplina História da Educação Brasileira, oferecida pelo curso de Especialização em Metodologia do Ensino Superior – UEMA/CESI.

A história da educação brasileira nas três últimas décadas foi enriquecida com a extensão de temas pesquisados na área, bem como com a utilização de fontes não oficiais desprezadas pela historiografia corrente. Desta forma, através do embasamento teórico da História Cultural a partir de 1970, houve uma interlocução entre a história da educação com os campos da Sociologia, Antropologia, Literatura, entre outros. (NASCIMENTO, 2016, p. 1).

O historiador José d'Assunção Barros afirma que a História Cultural era um campo historiográfico praticado em base da história elitizada, tanto nos sujeitos como nos objetos estudados, mas que no final do século XX a partir do diálogo com a antropologia, passou a abranger as diferentes possibilidades de tratamento a cerca da cultura popular (2004, p. 55-90).

Nessa perspectiva, para Chartier o principal objetivo da História Cultural é identificar a maneira como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída e pensada. (2002, p. 18-19).

2 Da literatura como fonte alternativa para a história da educação

De acordo com Lopes e Galvão, com a ampliação dos temas abordados pela história da educação, os pesquisadores passaram a intensificar o uso das fontes, incorporando a ideia de que a história se faz com base em qualquer vestígio deixado pelas civilidades passadas (2010, p. 68).

Peter Burke afirma que o maior problema para os novos historiadores era a utilização das fontes e dos métodos. Segundo o autor, na medida em que os historiadores começaram a fazer novos tipos de perguntas sobre o passado e escolha de novos objetos de pesquisa, se fez necessária a busca de novos tipos de fontes para suplementar os documentos oficiais (1992, p. 25).

Segundo Lopes, a literatura é uma fonte rica para a história da educação, pois pode oferecer, com riquezas de detalhes, dados ignorados pela historiografia que faz uso apenas de documentos oficiais escritos como fonte (2005, p. 165). Neste contexto, Le Goff (apud FERRO, 2010) afirma a necessidade da historiografia em desenvolver os métodos de uma história a partir de fontes desprezadas, como os textos literários ou os “etnotextos”, pois tratam de arquivos que relatam humildes realidades cotidianas.

É a partir dessa compreensão que, de agora em diante, utilizaremos a obra de Viriato Corrêa como fonte alternativa da pesquisa para evidenciar, através do cotidiano escolar de Cazusa, as concepções pedagógicas presentes nesta obra.

3 Concepções pedagógicas identificadas na obra literária Cazuzza

São três as escolas apresentadas na obra de Viriato Corrêa: a escola do Povoado, a escola da Vila e a escola da Capital. Ferro afirma que, naquele momento, a escola se firmava como instituição social cabível à formação do público infanto-juvenil, responsabilizando-se pela condução de aprendizagem de condutas e saberes (2010, p. 199-200).

3.1 A escola do povoado: ambiente feio e sombrio

A primeira escola frequentada por Cazuzza localizava-se no povoado de Pirapemas, onde ele morava. Era um casebre coberto de palha e sua fachada era pintada de cal. Cazuzza narra a decepção do seu primeiro contato com a escola enquanto aluno: “Os meus olhinhos inquietos percorriam os cantos da sala, à procura de qualquer coisa que me consolasse. Nada. As paredes sem caiação, a mobília polida de preto – tudo grave, sombrio e feio, como se a intenção ali fosse entristecer a gente” (CORRÊA, 2002, p. 28).

Na escola do povoado, o garoto Cazuzza retratava a figura do Professor João Ricardo:

Homem velho, bigode branco, óculos escuros, pigarro de quem sofre de asma. Nunca lhe vi um sorriso no rosto. Vivia sempre zangado, com o ar de quem está a ralhar com o mundo, cara amarrada, rugas na testa. Para as criancinhas do meu tamanho, representava o papel do lobisomem. Tínhamos um medo louco. (CORRÊA, 2002, p. 19).

Ferro defende que a maneira do professor João Ricardo se portar aos alunos estava relacionada ao fato do despreparo do professor. Entende-se que naquele período os professores assumiam a função de ensino apenas por possuir um nível escolaridade superior aos demais do povoado, não possuindo a formação específica para o exercício do magistério (2010, p. 207).

A escola do povoado apresenta traços das escolas isoladas que, de acordo com Viegas e Galvão, remete à organização do ensino primário público do Brasil que predominou durante o século XIX e que prevaleceu no início do século XX. As escolas isoladas eram constituídas por grupos de alunos, com aulas avulsas, sob a responsabilidade de mestres-escolas que ministravam aulas em suas próprias casas ou sem salas alugadas (2010, p. 480). Despreparo docente, rigidez na relação professor e aluno eram apenas algumas marcas presentes na instrução oferecida por essas escolas.

3.2 A escola da vila: ambiente alegre e cheio de vida

A segunda escola frequentada por Cazuzza encontrava-se na Vila de Coroatá, para onde mudou-se com a sua família. Funcionava num velho casarão com vastas salas datadas com mais de meio século. A narrativa do garoto Cazuzza expressava que, ao chegar à vila, a escola foi o que mais o encantou:

Os salões, amplos e claros, abriam-se de um lado e de outro do vasto corredor, com filas de carteiras escolares, vasos de plantas, aqui e ali, e jarras de flores sobre a mesa. As paredes, por si sós, faziam as delícias da pequenada. De alto e baixo uma infinidade de quadros, bandeiras, mapas, fotografias, figuras recortadas de revistas, retratos de grandes homens, coleções de insetos, vistas de cidades, cantos e cantinhos do Brasil e do mundo. (CORRÊA, 2002, p. 77)

Cazuzza menciona a recepção da diretora, Dona Janoca, de maneira positiva: “Recebeu-me com o carinho com que se recebe um filho. (...) Dona Janoca tinha vindo da capital, onde aprendera a ensinar crianças. Era uma senhora de trinta e cinco anos, cheia de corpo, simpática, dessas simpatias que nos invadem o coração sem pedir licença” (CORRÊA, 2002, p. 75-76).

A diferença da escola do povoado, onde havia a figura do professor carrancudo, sem formação adequada para o magistério, com a escola da vila, onde havia professoras com formação e características maternas, era algo perceptível para Cazuzza, pois se aproximava da sua idealização de escola, que deveria ser um ambiente alegre, cheio de atrativos e recreação. A diretora Janoca, ao assumir a escola da vila, trouxe duas professoras auxiliares de idades mais novas para morar e lecionar com ela, Dona Rosinha e Dona Neném. Para Ferro, o fato das professoras residirem na escola remontava a questão do envolvimento da família da professora no processo escolar, traços característicos naquela época (2010, p. 213).

A escola da Vila possui traços dos ideais da Escola Nova que, segundo Saviani, tem como elementos principais a criança como centro da escola, a reconstrução dos programas escolares a partir desse princípio e a organização psicológica das matérias escolares (2005, p.10).

3.3 A escola da capital: ambiente de preparo para a vida adulta

Cazuzza vai para a capital e, ao mudar para casa da sua tia Calu em São Luís, o garoto expressa que o seu mundo mudou completamente. Tudo o encantava. Chegou o dia de ingressar no novo colégio, chamado Timbira, e ele apresenta suas características:

Ficava no Lago do Palácio, num velho sobrado de azulejos, com a frente voltada para o mar. Era um casarão imenso, de escadaria afidalgada, com muitas janelas, muitas salas e muitos quartos. (...) talvez fosse o maior colégio da cidade. Cerca de cinquenta alunos internos e mais de duzentos externos. (CORRÊA, 2002, p. 141).

Cazuza narra que foi recebido de maneira “paternal” pelo diretor do novo colégio, o velho Lobato. Mas ressalta que só depois que sua tia o deixou se deu conta da solidão que o esperava por ser um menino do interior morando em colégio interno na capital. Apesar de grande novidade, ficava confuso com a quantidade e variedade de professores da Escola Timbira:

Havia-os de todos os feitios, os ásperos, os pacientes, os bons, os desleixados, os que gostavam de dar cascudos e os eu não sabiam ensinar senão com berros. (...) João Câncio era, no entanto, o melhor professor do colégio. Não havia ninguém mais tolerante, como não havia ninguém mais justo. (CORRÊA, 2002, p. 142).

Ferro analisa três aspectos importantes nessa nova inserção escolar de Cazuza: primeiro, a questão do comportamento paternal do Diretor Lobato está ligada a ideia de que este era o comportamento desejável para aquela função social, compreendendo a relação família-escola na correspondência do comportamento social do diretor, como pai-professor. O segundo refere-se ao impacto de Cazuza ainda jovem rompendo com a vida familiar para morar no colégio interno. O terceiro está ligado à recepção do diretor Lobato que fala ao garoto que a ida à escola significa a aspiração de ser um “grande homem”, remetendo a ideia de que para ser um grande homem era preciso um nível de instrução e escolaridade (2010, p. 204-205).

A terceira escola está inserida na concepção pedagógica tradicional. Segundo Saviani, na concepção tradicional, os métodos de ensino não levam em consideração os interesses do aluno, é uma visão pedagógica centrada no educador, nos conteúdos transmitidos pelo professor aos alunos na disciplina e memorização (2005, p. 31).

Considerações Finais

Compreendemos que a obra Cazuza é destinada à literatura infanto-juvenil em forma de romance para fins didáticos. Afirma-se também que a obra é uma autobiografia, pois existem coincidências entre relatos da vida do personagem Cazuza com fatos da vida do autor, Viriato Corrêa, apresentando a sua trajetória de vida na infância e de vida escolar onde faz críticas sobre as práticas educacionais da época e estabelece um modelo de idealização escolar feito pelo personagem, defendendo o ensino livre, sem castigos e preocupada com o bem-estar da criança.

Ademais, compreendemos que a obra Cazuza, de Viriato Corrêa, pode ser uma fonte alternativa nos estudos da história e memória da educação maranhense, pois oferece aspectos sobre a sociedade já considerados imperceptíveis e desprezados pela historiografia. Por estes aspectos,

conclui-se, a reafirmação da importância, da validade e pertinência de obras literárias no resgate das representações sociais e na construção da história da educação brasileira.

REFERÊNCIAS

BARROS, José d'Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.

BURKE, Peter. **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2ª ed. Lisboa: DIFEL, 2002.

CORRÊA, Viriato. **Cazuza**. Companhia Editora Nacional, 41ª ed. 2002.

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Cazuza e o sonho da escola ideal**. São Luís: EDUFMA, 2010.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. História da Educação e Literatura: algumas ideias e notas. **Revista do Centro de Educação**. Edição 2005. Vol. 30. N 2.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Território plural: a pesquisa em história da educação**. São Paulo: Ática, 2010.

NASCIMENTO, Elizânia Sousa do. História e Memória na Construção de uma Professora Muito Maluquinha em Ziraldo. In: MOURA, Fabrício Nascimento de. (Org.). **O Poder do Imaginário: diálogos com a antiguidade, o medievo e outras temporalidades**. Imperatriz: Ethos, 2016.

SAVIANI, Dermeval. **As Concepções Pedagógicas na História da Educação Brasileira**. Campinas: Unicamp, 2005.

VIEGA, Juliana Goretti Aparecida Braga. GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. As Escolas Isoladas nas décadas iniciais do século XX: O estudo de uma instituição. **Revista Cadernos de História da Educação**. v. 11, n. 2. Minas Gerais, Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2012.